

revista **bulunga**

Ele sobreviveu à terrível
experiência de frequentar
um buffet
com comida escassa



agosto de 2023 - número 20

o entrevistado deste mês é ninguém menos que o ator e humorista

CARLOS NUNES

EDITORIAL

O brasileiro médio não é lá muito inteligente. Um estudo recente mostrou que o seu QI é semelhante ao de um Chimpanzé. Sem querer ofender o macaco, coisa que pode acabar em processo, com essa moda da judicialização, não é muito difícil se chegar a esse raciocínio: o Big Brother vai entrar na 24ª edição, e o povo ainda assiste e, pior, vota, assim como vota em um partido que já está na sua 5ª edição e nunca fez nada do que prometeu. A NASA precisa estudar isso.

Em um dos vídeos que estão circulando na internet, Lula admite que ganhou um relógio Piaget que deve custar mais de R\$100 mil, e no outro, que ganhou tantos presentes, inclusive um trono de um Rei, que teve que levar embora em 11 containers, quando deixou a presidência, após o segundo mandato.

Mas Lula pode tudo, e ninguém mais. Se a coisa apertar, vão dizer que os vídeos foram feitos pela inteligência artificial. Até aí tudo bem, mas essa inteligência jamais conseguiria falar “tiprex” ou “tliprex”, pois não conseguiria ser tão burra, e assim ficará parecendo que o apartamento e o sítio também foram presentes, só que não cabiam em containers, e por isso a coisa complicou.

Burrice mesmo é se naquele escândalo das jóias envolvendo Bolsonaro for verdade. Ele sabia que não poderia vender esses itens. Deveria colocar em containers, e assim estaria liberado.

Bolsonaro nunca foi muito inteligente. Falava sempre pelos cotovelos, e que obedeceria as quatro linhas, mas estava sendo um visionário: pode acabar entre as quatro linhas de uma cela.

Mais uma vez está comprovado que político é tudo igual. Quem se lembra de Fernando Collor de Melo, que prometeu acabar com os marajás, mas que morava em um palácio parecido com o Taj Mahal? Mas caiu porque ganhou um Fiat Elba de presente. Se ele soubesse que era só colocar o carro dentro de um container, isso não teria acontecido.

O bom é que o brasileiro tem memória curta, e por isso não sofre por muito tempo: logo esquece as mazelas do país, que é assaltado desde os tempos do descobrimento. Os portugueses ofereciam presentinhos para os índios, que em troca ofereciam as suas índias e as riquezas das terras. Mas naquele tempo não existiam containers, e assim ninguém foi pro pau. Pau Brasil, diga-se de passagem, numa terra em que muita gente tem que usar óleo de peroba na cara, mas acabaram batizando o país recém-descoberto com o segundo nome. Ou melhor, descoberto, não: invadido, pois foram os índios que descobriram primeiro. Mas pouco importa, os índios são gente boa, e não levaram os descobridores na justiça. E tudo acabou em carnaval.

GUERRAS E OUTRAS ESQUISITICES

Enquanto as bombas pipocam na Ucrânia, a funkeira Bibi BabyDoll faz o maior sucesso naquelas paradas, cantando suas músicas de conteúdo sexual. Ao mesmo tempo, o filme “Barbie”, que mostra atrizes e atores fazendo papéis de bonecos, em um mundo onde tudo é cor-de-rosa, atinge uma das maiores bilheterias da história, e que em breve poderá superar as marcas de Avatar (2009), que fala sobre uns bichos azuis, Vingadores: Ultimato (2019), que é sobre heróis de mentira com poderes absurdos, e Titanic (1997), que trata de um barco que diziam que era indestrutível, mas que naufragou fácil, matando o personagem principal que poderia ter sobrevivido com a mocinha se ficasse com ela flutuando sobre uma porta, onde caberia os dois.

Não assisti e nem assistirei esse filme estrelado por Margot Robbie e Ryan Gosling, dirigido por Greta Gerwig, porque acredito que seja apenas mais uma produção comercial sem conteúdo inteligente, nada diverso dos exaustivos lançamentos envolvendo os super heróis da Marvel. Mas também não acho que se justifique todo esse estardalhaço que estão fazendo, com medo de que os meninos que assistirem esse filme se transformem em viadinhos e as meninas, em ninfomaníacas altamente consumistas. Não é assim que a coisa funciona.

Nenhum espanto para quem leu os jornais nos últimos dias e pode acompanhar a saga de Toco, um japonês que gastou R\$72 mil para criar uma fantasia de cachorro e sair por aí engatinhando (ou encachorrando) como se fosse um.

A coisa anda tão maluca que tem uma mulher lá na Inglaterra, Chloe Jennings-White, que sonha em ser paraplégica, e só anda de cadeira de rodas ou muletas, por opção.

Nos Estados Unidos existe uma mulher, Jewel Shuping, que sempre teve fascinação pela cegueira, e que isso começou com quatro anos de idade, quando passou a andar pela casa de olhos fechados. Aos 21 anos, finalmente, conseguiu realizar o seu sonho.

Os psiquiatras arriscam dizer que, nos tempos atuais, em cada duas pessoas, uma tem a tendência a desenvolver maluquices dessa espécie, e só posso concluir que, neste caso, se não sou eu, então é você.

CARLOS NUNES

Carlos Nunes é um autêntico “mineirin”. Com seu jeitinho tímido, comportado, gentil, vai chegando nos ambientes como quem não quer nada e daí a pouco passa a ser o centro das atenções, mesmo desejando parecer invisível, principalmente se isso acontecer em um buffet onde a comida é escassa. E foi com esse tema que explodiu com a comédia “Como sobreviver em festas e recepções com buffet escasso”, em cartaz há 23 anos, mas não foi só esse o seu único sucesso, como também “Pérolas do Tejo”, “Com Jeito Vai”, “Comédia dos Sexos” (onde atuou ao lado do fabuloso Rogério Cardoso), “Comi uma Galinha e Tô Pagando o Pato”, entre outras.

Carlos Nunes já foi atração em quase todos os principais programas de TV, com participações em sucessos como “Sai de Baixo”, “Zorra Total”, “A Diarista”, “Ô coitado”, “Show do Tom”, e não se esquece de quando foi entrevistado pelo lendário Jô Soares, em seu “Programa do Jô”.

Mas o sucesso não lhe subiu à cabeça. Quando o convidei para esta entrevista, aceitou com o entusiasmo de um menino que vê goiabada com queijo, dono de uma humildade que espanta. Nascido no Serro, em Minas Gerais, não perde as raízes, e já cansou de receber convites para morar no Rio ou São Paulo, mas não larga sua terrinha de maneira alguma. Mas vamos à entrevista.

BULUNGA – Carlos Nunes, pode parecer estranho dizer isso, mas é difícil olhar para você e não começar a rir. Assim que entra em cena, você não precisa falar uma só palavra, e as pessoas já começam a rir. Já tentou encenar algum drama?

CARLOS NUNES – Eu quero começar a entrevista agradecendo a oportunidade de poder falar do meu trabalho, de ter isso registrado numa revista. Pode não acreditar, mas o primeiro espetáculo que fiz na minha vida foi uma tragédia. Foi “O Pagador de Promessas”, de Dias Gomes. Na escola eu não passava de ano, era aquele aluno que não aprende matemática, química, física, que é ruim nas contas, então comecei a fazer teatro na escola para poder ser aprovado. A primeira peça que fiz, reconhecidamente como teatro, com cobrança de ingresso, foi “O Pagador de Promessas”, e o personagem morre no final. Era uma tragédia, mas não funcionou muito assim, pois as pessoas riam muito de mim, porque botei um tom muito jocoso na interpretação.



BULUNGA – Você era uma criança extrovertida? Sempre era o centro das atenções?

CARLOS NUNES – Pelo contrário: sempre fui extremamente tímido, e era até gago, de tão tímido, mas o teatro foi uma salvação. Comecei muito jovem, pois sempre gostei de teatro, sem nunca ter ido ver uma peça. Deixe-me explicar: a minha mãe era muito religiosa e eu sempre ia na missa com ela, e para mim o padre era o ator, a batina era o figurino, o altar era o palco e todo aquele ritual da missa, a consagração da hóstia, a comunhão, era um grande espetáculo. Quando chegava em casa, procurava reproduzir aquilo, colocava um vestido da minha mãe, cortava a banana em rodelinhas e ficava celebrando missa. A minha família até pensou que eu queria ser padre, mas, na verdade, eu queria fazer teatro. Tem muita gente que começa na igreja cantando, fazendo teatro. Depois continuei na igreja, com grupos de jovens, e até hoje frequento a igreja, um lugar onde me sinto muito bem.

BULUNGA – Então esse seu primeiro espetáculo foi um fracasso que deu certo...

CARLOS NUNES - Nesse meu primeiro espetáculo, que era tragédia, não era para ninguém rir. Nos ensaios ninguém ria, mas quando estreei, as pessoas riam e aí descobri que podia fazê-las felizes, e continuei com esse desejo enorme de levar humor e alegria para as pessoas. E isso nunca passou, é uma coisa que tenho latente em mim e espero que nunca morra. Isso é muito bom em um mundo descrente e violento e acho reconfortante levar alegria para as pessoas. É muito bom sair do palco, depois que me apresento, pensando que fiz o que nasci para fazer.

BULUNGA – Você atuou com verdadeiros “monstros” do teatro e da televisão. Fale um pouco sobre isso.

CARLOS NUNES - Tive a oportunidade de trabalhar com muita gente boa de serviço. Tive grandes mestres. Nem todo mundo sabe, mas já fiz um show com Chico Anysio, em Vitória, Espírito Santo. Fiz uma peça com Rogério Cardoso, o Rolando Lero, da Escolhinha do Professor Raimundo e Zorra Total. Tive o privilégio de trabalhar com Cláudia Rodrigues. Fiz um Sai de Baixo com grandes nomes da televisão brasileira. Tive muitas pessoas geniais com as quais contracenei, e foi uma experiência única trabalhar com pessoas das quais sou fã, dos quais tenho todo o respeito, mas era de uma alegria sem tamanho estar no palco com Rogério Cardoso, durante um ano, e a gente ria muito. Saiu até no jornal Estado de Minas uma crítica falando que o melhor momento do espetáculo era nossa batalha de improvisos, e um dia o espetáculo durou mais de duas horas, porque a gente brincava muito em cena. Lembro-me de quando gravei com a Cláudia Rodrigues, e ela ia decorando

o texto dentro do carro, dirigindo, e quando ela chegava no Projac ela já tinha decorado tudo, pois tinha uma memória incrível.

BULUNGA – E como foi a sua entrevista no “Programa do Jô”?



CARLOS NUNES - Eu fui no Jô, mas não era para ter ido. É que o Jô era muito fã do Professor Ângelo Machado, que era o autor de “Como Sobreviver em Festas e Recepções com Buffet Escasso”, e se não engano o Professor Ângelo Machado foi oito vezes ao Jô, e ele o havia convidado para falar do sucesso do espetáculo, mas eu não era convidado. Mas o Professor fez questão que eu fosse com ele. Aí a produção do programa me ligou e primeiramente fiz uma entrevista com um estagiário, depois com uma redatora e depois com o Willem, que era diretor, e assim dei três entrevistas antes do programa, para verem se não havia alguma contradição, se era isso mesmo. No programa, tive a oportunidade de contracenar com o Professor Ângelo Machado, que recitou um poema que ele escreveu em alemão, “A Primavera”, mas infelizmente não tenho a cópia da gravação, mas foi fantástico. O Jô era um ícone, intocável, e de repente eu estava lá sentado no banquinho, e quando ele anunciou o final do programa a platéia fez “ohhhh...”, triste porque tinha acabado a entrevista.

BULUNGA – E você já trabalhou com outras coisas além do teatro e da televisão?

CARLOS NUNES - Eu já fiz muitas coisas na minha vida. Já trabalhei de cozinheiro de boteco, de garçon, de piqueteiro, de office-boy. Quando fiz 18 anos, servi o exército brasileiro, e quando saí, não tinha uma ocupação, uma profissão. Sabia que queria estudar teatro no Palácio das Artes, e aí fui procurar emprego, e arranjei um numa empresa chamada “Engesolo”, e lá comecei como piqueteiro, depois fui para o escritório, onde fazia medição, fui trabalhar diretamente com um topógrafo. Não tenho medo de

serviço. Faço qualquer coisa que precisar, apesar de hoje viver de teatro, mas não fujo dos desafios.

BULUNGA – Qual foi o seu maior sucesso até agora?



CARLOS NUNES - Ainda faço um espetáculo de grande sucesso, o “Buffet Escasso”, que já está há 23 anos em cartaz. Fiz vários outros espetáculos não tiveram tanto destaque, pois é impossível que alguém fique 23 anos com vários sucessos. Fiz uma peça que gosto muito e ainda apresento, que é “Francisco de Assis, do Rio ao Riso”, e pensei que seria um grande sucesso, mais do que realmente foi. Sendo comédia e contando um caso real, pensei que bateria a marca de “Buffet Escasso”, mas até entendendo o porquê, pois tem gente que pensa que não quer me ver falando de santo, pois sou muito debochado. Outras pessoas diziam que não queriam ver peça sobre esse assunto, porque não era católico. Mas a peça não fala só de um santo, mas de um homem genial que foi Francisco de Assis, que até mudou o pensamento da humanidade, a partir de 1260, tempo em que ele viveu.

BULUNGA – Você é um homem de fé?

CARLOS NUNES - Eu tenho fé no homem, tenho fé na vida, tenho fé em Deus. Costumo dizer que a melhor

coisa da minha vida nem é ser artista, mas é ser cristão, e eu queria muito que o meu coração fosse transformado e cada dia mais tivesse um coração mais puro, mais fraterno, mais comprometido com o que Francisco de Assis se comprometeu, com a verdade, com a pobreza, com a sinceridade. Creio que sou uma pessoa antiga, os meus valores são antigos e não deveriam ser mudados. Gosto de gente discreta que entra e sai em um ambiente sem que ninguém perceba. Gosto de gente elegante, que é fina, honesta, que é justa, que é boa. Preservo isso em mim, na medida do possível, e faço de tudo para que eu seja sempre elegante, sempre gentil, num mundo em que as pessoas estão cada vez mais banalizando a bondade, a beleza, a generosidade. Acho que falta gentileza no mundo.



BULUNGA - Como você vê a situação atual do humor, com toda essa politização e censura?

CARLOS NUNES - Acho que tem alguns aspectos do humor que a gente está retrocedendo. Acho que uma piada que ofende uma pessoa não é uma piada, mas uma ofensa. Mas existem algumas coisas que não são ofensivas, pois são tão corriqueiras, comuns, e as pessoas estão se ofendendo por pouquíssima coisa, por “mimimi”, e assim o nosso trabalho ficou difícil de exercer. Não defendo nenhum tipo de agressão, de ofensa a pessoa, animal, pois todo ser vivo merece nosso carinho e admiração. Às vezes vejo que as pessoas estão se ofendendo por muito pouca coisa.

Alguns comediantes enfrentam isso e são hostilizados. Mas é difícil estar no lugar do outro, na alma do outro, para saber o que ofende. Tento não ofender ninguém, não passar por cima de ninguém, não ser deslegante.

BULUNGA - Você tem muitas manias?

CARLOS NUNES - Um homem de 60 anos que mora sozinho e que não tem nenhuma mania é difícil de encontrar. Eu tenho várias manias. Mas a minha principal mania acontece quando estou para entrar em cena: sou meio hipocon-



hipocondríaco e nessas situações tenho que tomar algum remédio, qualquer que seja, aspirina, um resfenol, qualquer coisa, até uma bala, para fingir que é remédio. Eu também rezo para entrar em cena, nunca entro sem rezar. Tenho uma camisa que estreei o “Buffet Escasso”, e toda vez que vou fazer uma mini temporada sexta-sábado-domingo, sempre uso essa camisa na sexta. Tenho mania de voltar para casa depois do espetáculo, pois não gosto de sair. Outra mania que tenho é a de escrever o texto. Quando vou voltar com um espetáculo, porque tenho um repertório, sento e escrevo o texto e assisto o espetáculo gravado. Nem sei se é mania, mas uma técnica para lembrar o texto.



CARLOS NUNES - O que move a vida da gente são os planos, os sonhos. Quero fazer muitos espetáculos, testar a minha criatividade, a minha memória, senão o Alzheimer toma conta. Atualmente, estou escrevendo um espetáculo com o Benetti Mendes, que é um rapaz de Brasília, e o nome do espetáculo é “Como Superar uma Traição”, que devo estrear com ele, no ano que vem, quando completarei 45 anos de carreira e espero que todos estejam lá para assistir a gente.

BULUNGA - Você é feliz?

CARLOS NUNES - Sou extremamente feliz. Nasci para fazer uma coisa que faço a vida inteira: fazer as pes-

soas rirem. Durante muito tempo achava que eu fazia era menor, pois todos diziam que fazer drama era maravilhoso, e que comédia era uma arte inferior, até que um dia tive um “click”, com uma matéria que li, que falava que o fazer rir e o fazer chorar tem a mesma dificuldade, pois você tem que tocar o coração das pessoas para que elas riem ou chorem. Mas acho que as pessoas têm uma necessidade vital de rir, porque quando você ri, ativa o sistema imunológico e fica até mais difícil de adoecer. Quando eu olho para trás, penso que queria fazer teatro quando ainda não era “chique”, e o artista era marginalizado, mas nunca me arrependi. Trabalhei muito no teatro. Conheci meio Brasil, a Suíça, Portugal, fazendo teatro. Tenho amigos que fizeram direito, contabilidade, medici-

na e ou outros cursos em busca de uma estabilidade. Eu nunca busquei estabilidade, mas procurei o chamado do meu coração. Foi um amor à primeira vista. E acho que o teatro também gosta de mim. Por isso sou muito feliz.

Carlos Nunes foi entrevistado
por Michel Salomão

BULUNGA - O que você acha dessa “onda” do Stand-Up Comedy?

CARLOS NUNES - Acho que o Stand-Up veio para ficar. É a comédia moderna, é tudo mais rápido, ligeiro, corriqueiro, falando do cotidiano. Acho que não veio como uma “onda”, mas uma tendência do teatro. Embora esteja sozinho em “Pérolas do Tejo” e “Lá: a vida é uma comédia”, não me acho um standupper, pois ele brinca com a platéia, faz piadas na hora, e eu tenho um texto decorado, e é esse texto que coloco em cena. O standupper sobe no palco com um roteiro, não um texto decorado, pois depende da reação da plateia. O stand-up é uma visão bem humorada daquela pessoa, e eu não tenho essa visão tão bem-humorada dos tempos atuais.

BULUNGA - Quais os seus projetos a curto ou médio prazo?





Olha o humano
achando que
vai viajar
e me deixar
sozinho!
Faz isso não!
Vai ler um
livro, que
eu fico no seu
colo!

seboearte.com

PERDI O LIVRO!
E AGORA?



Vai lá!
seboearte.com



MUÇÃO E SUAS "PEGADINHAS"



Talvez você não tenha ouvido falar de Rodrigo Vieira Emerenciano, um nordestino nascido em Natal que fará 47 anos agora em outubro, e que fez uma fabulosa carreira de radialista, com pegadinhas hilárias e um personagem que conquistou todo o Brasil: Mução. Ele começou sua carreira em 1990, ainda um menino, em Fortaleza, mas depois foi para o Recife, e por fim para o Rio de Janeiro, a partir de 2013. Desde cedo encarnou esse personagem, um homem mais velho, beirando os 70 anos, com um forte sotaque nordestino, e que conseguia irritar ao extremo suas vítimas, em trotes pelo telefone, recebendo toda espécie de xingamentos, com os palavrões sendo substituídos pelo "píííí", quando entrava com seus famosos bordões, como "respeita a polícia", "Esse cabra é grosso que nem cano de passar tolete" e "parabéns, pegou ar!", o que deixava as vítimas ainda mais furiosas.

Quando o trolado batia o telefone na sua cara, ele ainda tinha a audácia de ligar mais vezes, quase sempre dizendo que a ligação havia caído, ou que não era para a pessoa ligar mais para ele não, ao que o outro, cólerico esbravejava "mais foi você que me ligou, seu &*\$%\$#".

Para o público fora do nordeste, não há nada mais engraçado do que os termos usados por aquele povo, como "filho duma rapariga", "vai se lascar, seu baitola", entre outros adjetivos não tão leves.

Depois de manter um grande mistério sobre sua aparência, finalmente, após a pandemia, Rodrigo resolveu mostrar a cara do seu personagem, não totalmente limpa, mas usando um óculos de aro preto, grosso (com um esparadrapo segurando as partes quebradas, é claro), peruca grisalha, chapéu de boiadeiro e um bigodinho intencionalmente mal pintado. Sem esquecer a buzina na mão, que sempre aciona nos momentos mais irritantes.

Mas nem tudo são flores na vida do humorista. Ele já foi processado por um taxista do RN, que disse ter sido ofendido por uma dessas pegadinhas, feita em 2002, e que afetou a sua família e o seu trabalho. Para melhor entendimento, os trotes eram feitos com base em algum apelido da vítima, e tudo era combinado com parentes ou amigos que ligavam para o programa, afirmando que era só falar aquele apelido que o outro "pegava pilha" fácil. E dito e feito. Várias dessas pegadinhas (só o áudio) estão disponíveis no Youtube, bastando fazer uma busca rápida.

Em 2012 Rodrigo chegou a ser preso, em uma operação da Polícia Federal, por suposto porte de material de pornografia infantil em seu computador, mas foi apurado que o responsável teria sido o seu irmão, que cuidava das edições, e a situação foi totalmente esclarecida.

Os vídeos com o Mução podem ser vistos no youtube em recentes entrevistas no programa "The Noite", com Danilo Gentili, e nos podcasts "Inteligência Ltda.", com Rodrigo Vilela, e "Ticaracaticast", com Carioca e Bola, onde as pessoas passam mal de tanto rir com as suas histórias. Mução também tem o seu canal no Youtube, no Instagram e no Facebook, e vale a pena segui-lo, pois serão momentos de diversão garantida.



SINGAPURA

NÃO É O BRASIL

Singapura é considerado o país menos corrupto do mundo, ao contrário do Brasil, que enfrenta uma situação pandêmica, com os bandidos tomando conta de todas as instituições.

Podemos dizer que a única semelhança entre as duas nações seria a existência de um regime ditatorial, que, naquele caso, acabou sendo benéfica à economia do país, pois botou os ladrões para "escanteio", coisa que precisava ser feita por essas bandas, mas aqui eles são rigorosamente defendidos, e acabaram tomando conta do "gramado". O jogo é duro e feio.

A solução encontrada pelo ditador Lee Kuan Yew, que tomou o poder em 1965, depois de seu território ser literalmente abandonado pela Malásia, que não via solução para a miséria que encarnava, foi a execução sumária de toda espécie de bandido, principalmente os agentes públicos, o que permitiu



um rápido e surpreendente enriquecimento do território, pois lá as verbas deixaram de ser desviadas para os bolsos da malandragem.

Enquanto isso, aqui, no Brasil, grupos mafiosos, principalmente os que lideram o tráfico de drogas, infiltram os seus membros em todos os segmentos da República, e tem até advogado e "autoridades" sendo bancadas pelos criminosos para atuarem em questões relativas ao crime organizado.

Recentemente, até ocorreu uma tentativa de moralização, realizada por um político independente, mas feita de forma atabalhoada, com a utilização de estratégias erradas que impulsionaram a volta da bandidagem.



Não há explicação para o Brasil apresentar tamanha desigualdade social, visto que o seu potencial é superior a TODOS os países do mundo, inclusive dos Estados Unidos, considerando a riqueza dessas terras (e das águas, e até mesmo do ar, pois dizem que dá até para estocar o vento).

O atual governo, o jornalismo e os grupos de direitos humanos estão mais preocupados com a integridade dos bandidos do que com as vítimas, e os caras mentem na maior cara dura, ao se autoproclamarem "guardiões da moral e da democracia".

É por isso que a coisa não deslança. Temos o maior coeficiente de bandidos por metro quadrado do planeta. Talvez estejamos precisando de um Lee Kuan Yew para resolver os nossos problemas.



FREE FIGHT

Kim Jordan

Estava na casa de um amigo, se era amigo de verdade não sei, se era de mentira muito menos, se era inimigo... bem, depois de ler este texto, talvez não queira mais olhar em minha cara; mas, vá lá, seja amigo ou inimigo, o importante é que fale de mim, especialmente se for mal, pois o ibope seguramente será maior.

Sem outros preâmbulos, estávamos jogando “Free Fire” quando Diego resolveu pegar um lanche, e disse:

- Tem chips e Coca, serve?
- Claro...
- Qual batata quer?
- Não sendo sabor frango nem peixe, qualquer uma! – Coloquei o controle ao lado, sobre o sofá, estirei-me para trás e estiquei as pernas, numa espécie de alongamento após quatro horas de jogatina.
- Tem ondulada, lisa, crocante e natural... Ah, e tem Coca zero e normal.

Ele estava fora do meu campo de visão, provavelmente às portas da cozinha. Pensei em todas as opções e me senti como se estivesse em um drive-thru sem carro. Era difícil me decidir diante de tantas variações dos mesmos dois itens.

- Ah, pode ser qualquer uma... tanto faz.
- Como assim?

A voz soou alguns decibéis acima do natural, e era perceptível um certo agastamento na entonação.

- Ora, tanto faz! Pode ser qualquer coisa...

Ouvi os passos, ao aproximar-se.

- Você é um imbecil ou o quê?! – Proferiu, enfim indignado.

- Imbecil?!... Eu?!... Do que está falando, homem?!

A súbita perturbação da voz e o insulto deixaram-me levemente abalado. Não entendia o porquê daquela cena, da agressão gratuita, tão somente por causa de um snack trivial.

- Sim!! Você mesmo!! Está parecendo um idiota, como o seu irmão!

Pensei: raios, o que tem o meu irmão com isto?! E isto com isto mesmo?... Resolvi pôr panos quentes naquele imbróglio.

- Cara, não estou entendendo... Estava tudo bem, e assim, do nada, você se transformou, está agressivo, simplesmente porque não escolhi entre uma Coca e outra Coca, é isto? Ou tem mais alguma coisa que não sei?...



- Não tem nada mais não! – Disse, e cerrou os dentes
- Se um homem é incapaz de escolher coisas tão simples, não merece a minha amizade, muito menos o lanche.
- Mas quem disse que eu não escolhi?
- Você mesmo disse, há pouco: “não escolhi entre uma Coca e outra Coca”, foi o que disse. E se disse, não tem por que eu duvidar da sua completa incompetência e estupidez, a menos que ela englobe também essa sua declaração.

Eu estava atônito. Acho mesmo que deixei o queixo cair e, provavelmente, deixei uma impressão ainda pior de mim mesmo. Coci a cabeça, aprumei o corpo (havia erguido-me do sofá tão logo ele se aproximou), e encarei-o.

- Bem, pela sua incompreensão de entender algo sobre escolhas, e o que sejam, acho que o imbecil aqui é você!

Eu não era muito alto. Tinha em torno de 1,74m a 1,76m segundo as últimas amostragens em consultórios médicos, e academias. Quase nunca variava dessa proporção, a não ser uma vez em que o médico octogenário, dr. Sérvulo, insistiu nos meus 1,71m; nunca mais me aventurei aos seus diagnósticos, e talvez tenha sido a atitude mais acertada, pois ele insistia em ministrar mertiolate e pomada Minâncora nas espinhas que eu não tinha. Bem, entre os meus 1,74 e 1,76m, e os presumíveis 1,65m do Diego (na verdade, todos tinham certeza de ele não ter nem mesmo 1,60m), eu levava nítida vantagem.

- Como ousa!... Você quer apenas me confundir... Se escolheu, por que não tenho à mão a Coca zero ou normal?

- Porque você é burro, não disse?

Os olhinhos revolveram-se nas órbitas. Esfregou as mãos nas calças e, por alguns segundos, esperou-me completar. Como não fiz menção de prosseguir, deu-se a vez de falar:

- Sabe, nos conhecemos há muito tempo, nem sei quanto tempo, mas sei que é muito, e sempre tive a ideia de você não passar de um babaca de pai e mãe!

Poderíamos ficar assim durante dias, neste vai e não vai, vem e não vem, sem fim. Considerava-me tranquilo, sem muitos arroubos e espalhafatos, mas se havia algo definitivamente a me irritar era o ataque, seja gratuito ou não, de amigos ou não, elaborados ou rudes. Eu não entendia o porquê da maioria das pessoas se utilizar mais de adjetivos e interjeições do que frases a partir de raciocínios elaboradores.

- Olha, estamos nos desviando do foco, do centro da discussão. Não importa se sou babaca, gênio, besta ou sonso, importa é saber que os seus modos, ou a falta deles, é algo irracional e simplesmente despropositado, absurdo...

- Não vejo nada absurdo em dizer a verdade e ser sincero...

- Qual verdade?

- Vamos parar de joguinhos!... Você sabe do que estou falando!

- Não sei, não! Explique-me!

- Ai, minha nossa senhora! – E estapeou a própria testa – Eu lhe dei duas opções e você foi tapado o suficiente para não escolher nenhuma.

- Quem disse que não escolhi?

- É claro que não escolheu... – A voz emitiu ondas de titubeio, e pude notar o vacilo enquanto esfregava o buço e o nariz ao mesmo tempo.

- A questão é simples: sua lógica é falha! Ao me dar duas opções, você se propunha a fazer com que eu decidisse e não o obrigasse a decidir por mim. Quando demonstrei não me importar com a escolha, e a transferi para você, o alarme tocou, e ao invés da minha incapacidade, pois eu me decidi, e ninguém pode dizer que não me decidi, o seu vacilo manifestou-se, e você perdeu as estribeiras, pela própria insuficiência, pela própria incompetência, por não saber o que escolher...

Arregalou os olhos e, antes de poder se manifestar, completei:

- Esta é a realidade e a verdade que tentou esconder com seus factoides e delírios: ao me acusar de algo que você tinha feito, tentou se fazer de esperto mas foi pego na própria armadilha... – E conclui: não fui eu quem não manifestou preferência, mas você não soube decidir entre as opções, e restou-lhe me acusar do que não fiz para camuflar o que também não conseguiu fazer, entendeu?



WhatsApp (31)98025.1010 - Telefone (31)3222.1010



Pareceu realmente confuso. Algo se iniciou nele e o deixou meditabundo, enquanto me observava à caça de um clarão que não fosse curto-circuito.

- Não foi isso que quis dizer... – A voz aguda e estridente dera lugar a modulações baixas, quase inaudíveis.

- Mas foi o que disse. Só não queria acreditar que disse, então não disse para não admitir o seu erro e proteger-se de si mesmo.

- Sim... acho que sim... – Por conta do mover dos lábios e não propriamente pelo som exalado na cavidade bucal, percebi que claudicava.

Imaginei estarmos pertos da reconciliação, para eu perdoá-lo e ele se arrepender da intempestividade da agressão mas, qual não foi a surpresa ao vê-lo pular sobre mim, a desferir murros, chutes e voadoras. Protegi-me como deu, diante de tamanha perfídia; e como pesasse uns quinze ou vinte quilos a mais e lutara karatê na adolescência, não foi difícil dominar e rechaçá-lo com dois ou três golpes, golpes a fazê-lo notar a impossibilidade de vencer e, até mesmo, me machucar com suas investidas. Então, partiu novamente para os adjetivos e interjeições, a uma distância bem segura.

Arranquei o meu console da tv, peguei a mochila, abri-a, e joguei nela os objetos pessoais espalhados no sofá e na mesinha de centro. Dei meia volta, e me dirigi à porta.

- Um minuto... Aonde pensa que vai?!... ainda não terminei... – As palavras tropeçavam umas nas outras. Não respondi. Porém, de esguelha, certifiquei-me de estar seguro, dele se manter no lugar e não ter uma arma às mãos.

- Espera, homem!... – Seria o pedido de socorro ou nova provocação? – Não faz isso!... Vamos terminar o jogo!...

Mantive-me em silêncio.

Já à porta, ao virar a maçaneta, fez a última tentativa:

- Eu trago a Coca...

Do lado de fora, antes de trancá-lo, falei:

- Enfia... – Parei... Não era preciso descer tanto.

E, até agora, não sei como me meto nestes rebuliços. Talvez, se fosse cinco centímetros mais alto...

SPOILLERS

Esta coluna é normalmente dedicada a comentários sobre filmes ruins, que insistem em exibir repetidas vezes em "streamings" ou na tv, mas não é sempre assim. Por duas vezes, já comentei sobre os filmes bons, como "Pulp Fiction", um dos meus preferidos, e "Pai", produção mais recente, com Antony Hopkins. Contudo, "O PREDESTINADO" foi uma verdadeira decepção, porque, além de conhecer o elenco, que considero bom, recebi a recomendação de um crítico de cinema de que o filme seria inesquecível, cheio de reviravoltas, e isto era verdade: jamais esquecerei essa porcaria e o meu estômago realmente teve muitas reviravoltas, a ponto de quase ter que correr no banheiro para me aliviar. Espero que a leitura deste artigo seja suficiente para tirar de sua cabeça a ideia de ver o filme, mas se já assistiu, faça o seu comentário.

Posso afirmar, quase que sem titubear, que o filme "O PREDESTINADO" (2014), escrito e dirigido pelos irmãos Michael e Peter Spirig, estrelado por Ethan Walke e Sarah Snook, é um dos piores que já vi. O mais irritante é que ele cria uma expectativa, pois trata de um tema sempre recorrente, a viagem no tempo, mas a solução encontrada pelos seus roteiristas/diretores é a mais idiota já vista até então: o filme começa com o personagem principal tentando desarmar uma bomba, mas na hora "h" aparece um sujeito, eles trocam tiros, e quando finalmente o desarmador de bombas consegue colocar o dispositivo em uma espécie de "abafador de explosões", o troço explode na sua cara, e na cena seguinte ele já aparece todo enfaixado. Ao tirar as ataduras, verificamos que realizou um transplante facial, e que a cara toda costurada que aparece é a do Ethan Walke.



especial mas que na verdade era uma agência ultrasecreta disfarçada de secreta, e que por fim essa agência a rejeitou, na ocasião em que encontrou um cara misterioso, com quem teve uma filha.

Ótimo enredo, até aí. Mas o que vem pela frente é de arrepiar os cabelos do covão: na verdade, ela é o próprio Ethan Walke, ou melhor, ela é a criança abandonada, ou melhor ainda: ela teve uma filha consigo mesma, e foi abandonada no orfanato e depois cresceu, virou a agente secreta e trocou tiros com si própria, entre umas e outras viagens no

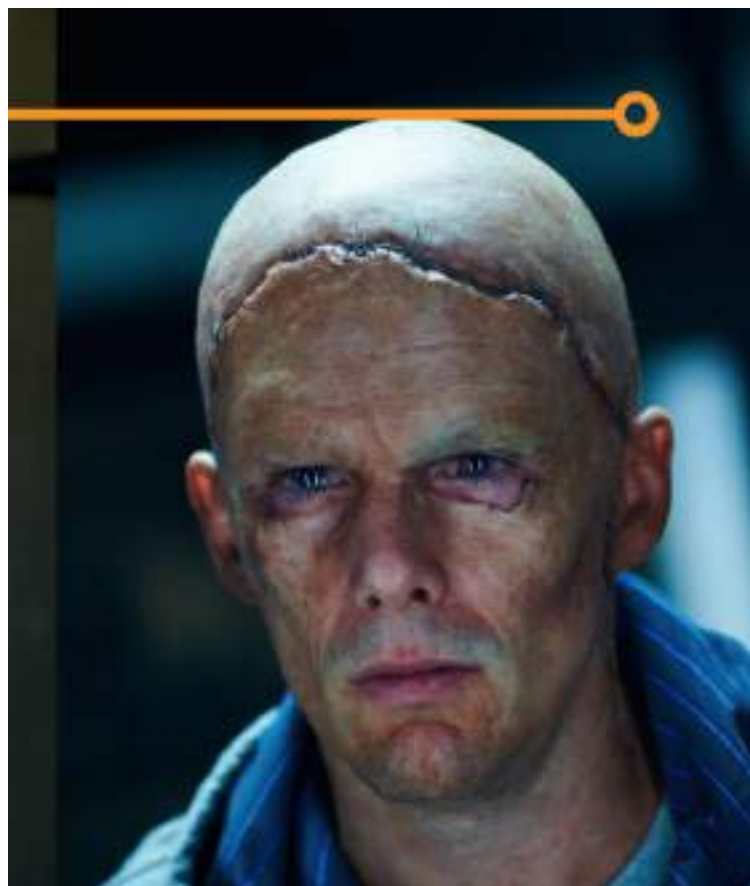
Depois é que ficamos sabendo que ele é uma espécie de agente secreto, e a ele é dada a missão de encontrar o responsável pelas explosões que estão matando milhares de pessoas pelos Estados Unidos.

Mas o cara vira um barman, e uma noite aparece um figura esquisita que logo vai lhe contando toda a sua vida, depois de beber uns tragos, e fica evidente que se trata de uma mulher, apesar dos cabelos curtos e da maquiagem mal feita para parecer que é um homem, e ele(a) conta que antes era ela, que foi abandonada pela mãe na porta de um orfanato, onde sofreu muito bullying porque era muito inteligente, até ser contratada para um programa





tempo, até o episódio em que estava desarmando a bomba, se lascou e fez um transplante de rosto, virando o Ethan Walke. Entendeu? Não o culpo. A parte mais estúpida é aquela que tenta explicar a mudança de sexo da garota: ela tinha os dois sexos funcionando harmonicamente, mas depois que engravidou e teve a filha, surgiu uma complicação e tiveram que tirar-lhe os ovários e o útero, e assim resolveram aproveitar que o plantão estava tranquilo para fazerem nela uma operação, com ela ainda inconsciente, e transformá-la em homem. E ela aceitou numa boa, depois de dar uma choradinha de nada. Só que antes de sair da maternidade, alguém foi lá e roubou a criança. Foi o Ethan Walke, ou melhor, foi ela mesma, no futuro, ou no passado, sei lá, que roubou a si própria. Que confusão danada. Ah, o mais patético de tudo é que, depois de entender toda a confusa trama, perceberá que os personagens não possuem a mesma altura, o Ethan é mais alto que a Sarah, e nem possuem o mesmo físico, pois é assim que deveria ser, visto que teria feito apenas o transplante do rosto. Enfim, o filme é uma droga, e se você não assistiu na Netflix ou em outros canais (o filme está disponível até mesmo no YouTube), não caia na asneira que caí. É por isso que escrevo essa coluna: para prestar uma ajuda ao leitor.



coluna do

ClodoKill

Fernandes

As vezes descobrimos certas coisas tão bizarras e tão esdrúxulas, o nonsense cada vez mais nonsense a invadir cada página, tela, cada ouvido, olho, até anestesiar completamente a consciência e a razão, e torná-las em fetiche, que temos de nos beliscar para certificar-nos de não estar em um pesadelo, digno dos trens fantasmas dos circos mambembes de antigamente.

Ouvi a notícia, tardia, diga-se, talvez porque a mídia em geral não se preocupou em alardear o fato, de uma americana que se considera “transracial”. Isso mesmo. Já não bastam os transplantados, transgênicos, transviados, trânsfugas, transumanos, transloucados, transgênero e transxexelentos, agora somos contemplados com a glória do transracial.

Se não bastassem essas esquisitices, a Espanha, aquele país que no passado gerou Cervantes, Unamuno, Lorca e Cela, entre outros, concedeu recentemente licença remunerada para mulheres que têm cólicas menstruais. Se por um lado isso é positivo, ao afastá-las de potenciais vítimas, por outro deveria se estender tal privilégio aos homens: os flatulentos, fedidos e com bafos. Com sorte, as repartições públicas, fábricas, lojas e similares se tornariam em depósitos e armazéns sem viva alma a habitá-los; o que já acontece em maior ou menor número nas burocracias em geral, e especificamente nos gabinetes privados.

Quanto à transracial, a proeminente ativista dos direitos negros, Rachel Dolezal, literalmente se travestiu de negra, defendia a causa negra, era membra da Associação Nacional pelo Avanço das Pessoas de Cor, e considerava-se afro-americana de fato e de direito: falsificou currículos e inventou uma herança africana para obter vantagens profissionais, além de se maquiar, fazer apliques nos cabelos e escurece-los, vestir-se e portar-se como tal; hollywood perdeu uma atriz mas ganhamos outra charlatã. Entretanto, havia um pequeno problema ou dilema ou impasse: Rachel era branca; e sempre existem pais insatisfeitos com as atitudes de seus rebentos, os vulgarmente chamados “estraga prazeres”, que a denunciaram publicamente por negar as suas verdadeiras origens: era de ascendência alemã e tcheca, com uma chance mínima, na verdade praticamente impossível, de ter traços nativos ameri-

canos.

Odiada por brancos, negros, amarelos, vermelhos, sálvias e grenás, Rachel se diz injustiçada, especialmente pela acusação de ferir os sagrados preceitos da “apropriação cultural” (não me perguntem que raios venha a ser isso, pois mesmo entendendo a intenção, é-me simplesmente inconcebível a razão ou lógica dessa estrambólica expressão). Em entrevista, se pronunciou: “A raça também não é um fator biológico - na verdade, a raça é ainda menos biológica do que o próprio gênero, se você pensar na história e nos nossos corpos. Temos sangue tipo A ou tipo O, não há nada como sangue branco ou negro e nenhuma parte do nosso corpo que designe isso”¹

A justificativa que encontrou para tentar escapar da fraude, e da pecha de impostora, foi declarar-se transracial e denunciar a própria cara-de-pau, pois se “nenhuma parte do nosso corpo” pode designar a cor, por que ela precisava escurecer a pele, tingir os cabelos ou usar peruca?... Mas, convenhamos, ela não é de toda parva, pois, afinal, como mesmo disse, se a pessoa de um sexo pode se considerar de outro, de nenhum, ou múltiplos ao mesmo tempo, por que ela não pode sentir-se negra mesmo sendo originalmente branca? Dentro deste mundo de ponta-cabeça, até que não está de todo errada, na lógica tão somente ilógica e irracional. Mas se a moda pega...

Já imaginou alguém com pretensões de ser o Pelé, mesmo sendo ruivo, ter sardas e pernas-de-pau? E defender a sua “transpelezice”? E se aquela vizinha histérica, balofa e aversa a banho, destitui o John Travolta de ser o John Travolta e, em sua “transtravoltice” assume o lugar ao lado da Kelly Preston? E, pior, ganham o direito de ser o que imaginam ser e ainda condenam os verdadeiros por preconceito e intransigência trans ou coisa que o valha?

É como abrir a porta de um banheiro de rodoviária: não espere perfumes, flores e bichinhos fofos. Mas vai que os doidivanos resolvem arrancar todas as bocas de lobo e abrir as comportas dos vertedouros... Acostume-se, ou compre uma máscara de gases, pois, ao que tudo indica, não estamos distantes desse futuro... ah, que se dane!... o futuro já chegou!

J.B. observava tudo da sua janela. Durante os dias em que a Mulher do 171 esteve ausente, envolvida com os trâmites da sua prisão, ouviu todo o tipo de acusações, fofocas e destemperos dos vizinhos, da imprensa e de autoridades do governo. Todos supunham ser a mulher uma terrorista, uma criminosa de alta periculosidade, digna da pena de morte caso houvesse no país. Alguns juristas chegaram a cogitar mudanças no Código Penal a fim de contemplar esse dispositivo jurídico. Houve debates, mesas redondas, simpósios, especialmente nas universidades e ongs de direitos humanos a fim de elaborar métricas legais para suscitar o advento da pena capital, entretanto, era necessário classificar os crimes de racismo, homofobia, fascismo e intolerância social (não se chegou a um consenso quanto o que seria essa intolerância, mas uma comissão de tolerantes se constituiria para decidir os casos um a um) como crimes capitais.

Certo jurista levantou a questão de não haver meios para se prender e executar todos os condenados, tendo-se em vista a morosidade e os inúmeros apelos a instancias superiores, o que demandaria tempo, muito tempo, até se finalizar o processo e não haveria cárceres suficientes para todos os criminosos. Entretanto, outro jurista e secretário de justiça estadual observou que os recentes indultos e comutações de penas de assassinos, ladrões, traficantes, contrabandistas e fraudadores em geral abriam milhares de vagas nas penitenciárias e elas seriam ocupadas pelos novos e muito mais perigosos e letais bandidos. Chegou ao consenso de que o governo deveria ampliar os indultos e comutações, além de construir novas celas para os verdadeiros inimigos da pátria.

Outro ex-juiz federal propôs uma medida ainda mais célere: criar-se tribunais especiais para julgar apenas os crimes de ódio, em tempo recorde, em que todos os processos iniciariam e se concluiriam no decorrer de dois meses. Dessa forma, não seria dispendioso para o erário público o aumento das vagas para detenção, e as já existentes e a se abrirem nos próximos meses supririam a demanda das exigências em curso. Haveria, contudo, a premência de se criar um código onde os “hate crimes” fossem contemplados. Era necessária a movimentação imediata e urgente do Congresso nesse fim, o que acabou provocando mais embates, disputas e clamores entre os deputados e senadores. A Suprema Corte deu o prazo de 24 dias para que o legislativo votasse o novo dispositivo legal, senão ela mesma definiria a questão, como fizera em outros tantos momentos.

J.B. ouvia e via aquilo tudo, muito mais pela insistência de parentes e amigos do que por algum sentimento de esperança, de as coisas mudarem para melhor e fazer-se realmente justiça. Um desses amigos alertava para o fim da liberdade de expressão e o surgimento de um estado policial, onde as pessoas se tornariam meros fantoches nas mãos do governo. A maioria o hostilizava e outros debochavam:

“Imagina se isso vai acontecer aqui!”

“Não passa de teoria de conspiração!”

“Está louco!... Nunca ouvi tanta bobagem!”

“Jamais pensei que você fosse tão bitolado e retrógrado!”

E as respostas invariavelmente vinham com um desfecho capcioso e evasivo: “Vai estudar, gado!”.

J.B. o ouvia e meditava nas coisas que dizia, sem acreditar muito nas suas profecias e ilações. Afinal, sua área não era aquela, de humanas, e ele dedicava-se às ciências exatas, em construir a sua carreira, o sustento, e não restava tempo para gastá-lo com políticas, ideologias, e coisas do tipo. Sabia que o mundo estava chato, chato até doer, mas como não se interessasse pela vida de ninguém, salvo a sua, dos familiares e alguns poucos confrades, nada disso o afetaria, nada disso o importunaria ou o pegaria desprevenido, ainda mais por não ver distinção entre as pessoas, e de maneira geral considerava homens e mulheres suspeitos e nada confiáveis, fosse quem fosse, não importando o lado ou como faziam suas guerras. Queria apenas galgar o sucesso profissional, constituir uma família, e em algumas décadas aposentar-se e morar em uma praia, tomar água de coco, banhar-se no mar cristalino, bronzear-se e comer camarões dia sim, dia não. Então, que não viessem aporrinhá-lo com discursos, opiniões e teorias, fossem quais fossem e viesse de quem viesse.

Então, ocorreu os eventos com a Mulher do 171, e se percebeu, nitidamente, tomado por uma surpresa e desconforto incômodo e enervante e tão próximo que foi impossível não se envolver e tomar partido.

Defendeu-a em público e no privado. Passou a ser visto com desconfiança por vizinhos e amigos. Até mesmo o tal “profeta”, antes seu confidente e ouvinte, tornou-se indiferente e arisco, mal o cumprimentava em público e sequer atendia as suas chamadas telefônicas. De uma hora para outra, provou a antipatia e o melindre de conhecidos e anônimos, onde estivesse. No trabalho, tentou manter-se distante da polêmica até que alguém surgiu com aquela entrevista dada à época da prisão

da Mulher do 171 e os cochichos e intrigas começaram, primeiro sutilmente, depois, de maneira descarada; não eram mais sussurros mas veementes, raivosos e exaltados protestos.

- Quem ele pensa que É?! – disse uma colega.

- É só olhar o jeito dele, um arrogante e convencido filho de quenga, como todo fascista deve ser! – Exasperou-se outro.

Passavam petulantes e desaforados, e um, certa vez, chegou a cuspir próximo do seu pé, antes de proferir um palavrão e uma carranca enfezada.

Pensou em trocar de emprego, em sair da faculdade, mas aonde fosse provavelmente a sua fama o precederia.

Dez dias depois da prisão da Mulher do 171, a direção o chamou para uma conversa.

- Dr. Luiz, bom dia!

- Vamos ver, vamos ver... sente-se!

Apontou-lhe a cadeira vazia, ao lado do supervisor, que não respondeu ao cumprimento, sequer o olhou, fingindo tirar sujeira de debaixo das unhas sempre bem aparadas e sem cutículas. Semanalmente, ia à manicure e aproveitava para passar um esmalte incolor e fazer as sobancelhas também.

- O que está acontecendo, rapaz? – O diretor interpelou-o.

- Como assim?

- Ora, não se faça de desentendido. Sabe muito bem o que andam falando por aí, que você é amigo daquela mulher e defendeu-a publicamente em uma entrevista na tv.

- E o que tem isso a ver com o meu trabalho?

- Tem tudo a ver! Somos uma empresa de princípios, temos de zelar pelos nossos valores, e não aceitamos funcionários abjetos, extremistas e preconceituosos.

Não é verdade que fora pego de surpresa, não fora. Esperava havia dias por aquele momento, e chegou inúmeras vezes a discorrer mentalmente o diálogo irracional e incongruente. Afinal, era um bom funcionário, fazia muito mais do que a maioria, estava sempre a disposição para executar as tarefas mais difíceis em horários ainda mais árduos e cansativos, varando a noite e os finais de semana na obra, enquanto a maioria dos estagiários e engenheiros tomavam cervejas ou fumavam narguilés. Ele era um dos poucos, mas poucos mesmo a ser pau para toda obra. E agora vinham com aquele interrogatório?

- E quando agi assim?

- Ora, ora! Quando se deu ao desplante de defender aquela mulher – Disse enervando-se e a espumar pela boca.

- Nunca agi de maneira antiprofissional... e o que faço na vida privada não diz respeito a vocês.

- É o que pensa?! Sério?! – E bateu forte no tampo da mesa.

- Você tem de entender que a imagem da empresa está em jogo, e o que faz, seja aqui ou lá fora, diz muito o que somos e quem somos – Por fim o supervisor manifestou-se, sem olhá-lo, ainda a futicar as unhas impecavelmente limpas.

- Não sei o que isso afeta o meu desempenho profissional. Vai trazer lucro ou prejuízo para vocês?... Quem sou eu em uma cidade de mais de três milhões de habitantes? Alguém se lembra do que fiz? Na rua, sou reconhecido? Não. Isso tem a ver exclusivamente com os fofoqueiros, os maldizentes, que insistem em cuidar da vida alheia e esquecem-se da própria... – Foi interrompido abruptamente.

- Chega de falatório, garoto! A questão é: você irá se retratar perante os colegas ou teremos de tomar outra atitude?

- Que atitude?!

- Extrema, rapaz... proporcional à gravidade do erro... não é coisa boa... não é mesmo... – O supervisor cuspiu o pedaço de cutícula ou outra coisa enquanto falava.

- Como ficamos? – O chefe impacientava-se.

J.B. não cogitou as coisas chegarem a este ponto. Mas, em seus diálogos imaginários, chegou aos extremos de se decidir pela vaga ou pela dignidade. Mas seria a dignidade suficiente para perder a vaga, o salário e benefícios, e a chance de alcançar altos postos na empresa? Estava em uma encruzilhada. Do tipo: se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

Certa vez, um velho, amigo do seu pai, lhe disse ser o mundo dividido em duas vertentes: da elegância e do desajeito. Quem fizesse parte do primeiro grupo sempre sobreviveria ao segundo, mesmo que tivesse que suportá-lo, enquanto o segundo, mesmo com as rédeas da situação, jamais derrotaria o primeiro. Ele não entendeu, e pediu que explicasse o sentido daquela afirmação, ao que deu de ombros e disse:

- No tempo certo, no momento adequado, você entenderá o significado, e se lembrará desta conversa.

Sorriu afetuosamente, a demonstrar elegância e cortesia como poucas vezes presenciou em toda a sua vida.

Por que, então, se lembrara dessa conversa passados tantos anos? Teria algum sentido naquele momento? Seria a solução para o dilema? Como? Em quais aspectos?... A cabeça rodava, o espírito se remexia, e nada parecia tangível, palpável, enquanto os olhos do chefe injetados e vermelhos, circundados por grandes olheiras cinza-profundo, batia os dedos na madeira e o supervisor lixava a ponta das unhas nos dentes.



COMPRAR NO PARAGUAI é fria?



Para quem nunca foi, vale a pena dar uma lida nessa matéria, que fala da aventura que é viajar até Ciudad Del Este, no Paraguai, que mais se parece com uma Rua 25 de Março, de São Paulo, aumentada 500 vezes ou mais. É uma experiência muito maluca. A começar pelas ruas infestadas de trambiqueiros de todos os tipos, misturados com compradores ávidos por levarem vantagem em tudo, e que muitas vezes se metem numa fria ao escolherem produtos grosseiramente falsificados. Mas lá existem lojas altamente confiáveis, que vendem produtos originais, como o Shopping China, a Cell Shop, a Loja Macedônia, a Loja Nissei, a



Uma manhã e uma tarde pode ser muito pouco tempo para você conhecer tudo, caso queira fazer boas compras. Dois dias é o mais indicado, e ainda assim será preciso fazer uma eficiente pesquisa prévia nos sites dessas lojas.

Se você for de carro, o que desaconselho, pois terá que pagar a “carta verde” (custa entre R\$80,00 e R\$120,00), que nada mais é do que um seguro contra terceiros, lembrando que se acontecer alguma coisa com o seu carro, mesmo que outro seja o culpado,

Mega Eletrônicos, as lojas Sax e Monalisa.

Em termos de preços, a melhor opção é o Shopping China, onde você encontra um pouco de tudo, mas vale a pena conferir nas concorrentes, pois pode haver alguma variação, por conta de uma oferta ou outra, sendo que irá encontrar alguns preços de eletrônicos mais vantajosos na Cell Sop e na Mega Eletrônicos, mas nunca deixe de comparar com os preços do Shopping China. Se a opção for itens mais sofisticados, roupas de alta costura, perfumes mais raros e até obras de arte, pode verificar nas lojas Sax e Monalisa, mas essas são bem caras.





você ficará “na mão”. Isso sem contar a fila para entrar e sair, o que em certas datas e horários pode representar duas ou mais horas de espera.

Quando estiver chegando próximo da Ponte da Amizade, de carro, antes da barreira da Polícia Federal, alguns malandros de colete, fingindo ser “autoridades” tentarão pará-lo, pedindo para que encoste o carro, mas não faça isso. É puro golpe. E assim que passar a ponte, será abordado por aproximadamente 300 maloqueiros tentando levá-lo até um estacionamento, o que pode acabar em pesadelo, pois, além de alguns desse se localizarem em verdadeiros buracos, você poderá ser extorquido na hora de ir embora. Eu mesmo caí nessa e tive que pagar 5 dólares por aproximadamente 20 minutos em um desses estacionamentos. Paguei rindo, pois foi melhor do que ter sido literalmente assaltado. Só depois fiquei sabendo que se você comprovar compras acima de 30 dólares no Shopping Paris, poderá deixar o carro lá o dia inteiro, de graça. A loja Cell Shop também possui estacionamento próprio. Melhor opção ainda é para o carro a umas quatro ou cinco quadras da ponte, ou em algum



estacionamento do lado brasileiro, para atravessar a ponte à pé, o que não gasta mais de 15 minutos. Mas tome cuidado para não ser abordado por algum meliante no meio do caminho, pois não está descartada essa possibilidade. Você também poderá encarar uma van ou ônibus, ou até um taxi, o que não sairá muito caro.

Cuidado onde entra. Determinadas galerias são verdadeiras “armadilhas”, e você poderá sair de lá “depenado” isso se conseguir sair vivo. Na hora que entra nas lojas, são todos solícitos, simpáticos. Mas tente sair sem comprar para ver como as coisas mudam. Parece filme de terror.

Na hora do almoço, aconselho a procurar o Shopping Paris. Lá existe uma praça de alimentação com diversos restaurantes “self-service”, e você poderá comer uma boa comida por R\$40,00 ou menos.

Você entrará no Paraguai com facilidade, e na maioria das vezes ninguém irá lhe pedir nem mesmo a identidade. Para sair será a mesma coisa: os fiscais da Receita Federal brasileira param um ou outro “suspeito” de estar levando muamba além da conta de forma aleatória, e se você for o sortudo de ser o escolhido (e tiver estourado a cota), estará lascado.



Neste instante em que escrevo (agosto de 2023), as vantagens das compras em relação ao Brasil significam aproximadamente 30% de economia, às vezes mais. Um smartphone que é vendido no Brasil entre R\$1.900,00 e R\$2.300,00, sai por cerca de R\$1.480,00. Um smartwatch que custa entre R\$600,00 e R\$800,00 pode ser comprado nessas lojas entre R\$480,00 e R\$550,00. Você compra um fone de ouvido bluetooth por pouco mais de R\$80,00, enquanto aqui pagaria R\$120,00 ou R\$130,00.

Você encontrará centenas de vendedores de meias nas ruas, que começarão oferecendo 10 meias por 10 dólares, passando para 15 por 10, 18 por 10, 20 por 10 e não duvido que chegue a 30 por 10 ou mais. São meias aparentemente comuns, mas que depois da primeira lavada, pode jogar fora.

Para quem não sabe, Foz do Iguaçu, no Paraná, faz divisa com o Paraguai e a Argentina, e fica tudo muito perto. A cidade da Argentina que faz fronteira com o Brasil é Puerto Iguazu, mas a burocracia para entrar lá é aviltante. Foi uma péssima ideia ir até lá no mês de julho, mês de férias, de alta temporada, e para entrar naquele país, eles revistam todos os carros que estão entrando e podem querer ver até mesmo a cor da cueca dos ocupantes (estou exagerando, é claro), mas as filas chegam a duas ou mais horas para entrar e para sair, e até parece que aquele país não está quebrado, pois eles deviam dar graças a Deus por ter brasileiros dispostos a injetar dinheiro neles.

A explicação para tanto volume de carros entrando naquele país é o seguinte: os brasileiros vão até o país vizinho, trocam reais por pesos (que não estão valendo nada) para comprarem produtos no Duty Free, que fica antes da barreira, e onde os preços



estão em Dólar. Na conversão de pesos para dólar, fica mais vantajoso usar os pesos comprados na Argentina (quem tem uma taxa melhor) do que em casas de câmbio no Brasil.

Para entender melhor ainda, no Duty Free argentino, os preços são tabelados em dólar cerca de 30% mais caros do que o normal (em comparação com o Paraguai ou com os EUA), e com a conversão, ficam 30% ou um pouco mais baratos. Em outras palavras, NÃO VALE A PENA COMPRAR no Duty Free, pois no Paraguai você ainda pode negociar descontos.



Puerto Iguazu é uma cidadezinha simples, onde encontrará algumas lojinhas com produtos em couro (alguns são feitos no Brasil), artesanatos e bons restaurantes, cujos preços não são lá muito baratinhos, além do fato de que o churrasco argentino não leva muito tempero, o que pode desagradar aos brasileiros acostumados com a nossa carne bem mais salgada. Fiquei tão revoltado com a experiência argentina que saí de lá gritando “Boludos”! “Maricóns”! Por sorte, não apanhei.

Enfim, é um passeio interessante, ideal que seja feito em quatro ou cinco dias, e aí você aproveita para conhecer as cataratas (vai ter que desembolsar R\$75,00 para entrar e mais R\$50,00 para estacionar), pode também conhecer o Parque das Aves, andar na Roda Gigante Yup Stars, conhecer o Bar Gelado (eu não fui), o Marco das Três Fronteiras (não conheci), onde acontecem shows de música e dança ao entardecer, entre outras atrações. Mas não falei praticamente nada de Foz do Iguaçu, onde as pessoas ficam quase que só para dormir.

Além das atrações que acabei de apontar, tem também o Dreams Park Show, que é um museu de cera, mas também não conheci; tem ainda o Parque Aquático Blue Park, onde igualmente não fui. Além disso, você poderá passear de barco no Macuco Safari (dentro do parque das cataratas), fazer canoagem, conhecer o Wonder Water Show, conhecer o Templo

Budista, a Mesquita Muçulmana e diversas outras atrações que não fiz, não conheço e nem deveria estar mencionando neste artigo, pois nesses dias em que fiquei lá só me interessava em comprar, comprar, comprar, até me dar conta de que em determinado momento chegariam as faturas dos cartões de crédito, e que teria que tomar algum calmante poderoso ou fazer uma cirurgia no coração, preventivamente, mas elas chegaram poucos dias depois e acabei sobrevivendo.

Michel Salomão

NÃO SEI VOCÊS...

Othon Cávado

Não sei vocês, mas quase dá vontade de comprar uma ilha deserta e nela me embrenhar para fugir de toda a loucura e cretinismo diários pelo qual somos expostos e intoxicados impiedosamente, caso a ilha estivesse a venda baratinho e em suaves e intermináveis parcelas.

Não sei vocês, mas se desse para pular fora e sair do barco, eu seria o primeiro a me aventurar por outras paragens menos nocivas e deletérias, mesmo na companhia de tubarões, orcas e cardumes de piranhas. Não sei vocês, mas se para mim um pingô é letra, para a maioria a fartura de palavras e clichês significam nada ou qualquer coisa, a depender de quem fala, ouve e as repete como um papagaio mal treinado.

Não sei vocês, mas as notícias e pronunciamentos sempre envoltos em lorotas, matracas e disparates, não anunciam nada de novo, muito menos coisas boas; são obituários com local e hora marcados.

Não sei vocês, mas se pecados, deficiências e vícios são exaltados e ascendidos ao nível das virtudes, e estas desabam ao nível das anomalias psicóticas, para a vergonha de quem as vilipendia e assume, eles nada enxergam, cegos guiados por cegos, porque a fossa lhes cobriu as cabeças, do guia e seu bando.

Não sei vocês, mas se o bem se torna em mal, e o mal em bem; o doce em amargo, e o fel em doce; a luz em trevas, e trevas em luz, não há sentido nos sentidos, nem razão nas levandades.

Não sei vocês, mas se os bandidos são justificados e os justos não encontram justiça, pelo contrário, pagam pelo que não

fizeram e são criminosos por apontar os delitos, nada sobrou a não ser aquele chope agulado, futebol e corpos pelados na avenida. César que o diga!

Não sei vocês, mas se berimbau é instrumento e funk é música, ser surdo não é de todo mal.

Não sei vocês, mas se o poste mija no cachorro e as pessoas são identificadas por seus fluídos corporais, a prisão de um gato por furto não é questão de tempo, mas já aconteceu.

Não sei vocês, mas se piercings, alargadores e tatuagens fossem naturais, não queria estar na pele das futuras mães.

Não sei vocês, mas este texto já encheu o saco! E se chegou até aqui, não se assuste: podemos fazer pior!



LaundrySpeed
service

PROMOÇÃO!
PACOTES ECONÔMICOS

DESCONTO ESPECIAL

10% solteiro	20% casal	35% família
-----------------	--------------	----------------

[31] 989029482
Avenida Dom João VI, 1.650 - Palmeiras
@laundryspeedservice

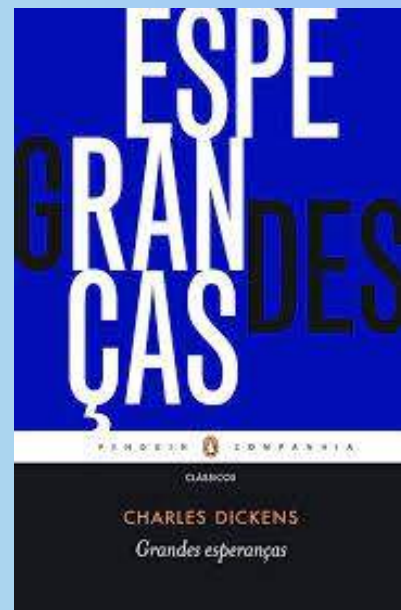
GRANDES ESPERANÇAS

Jorge F. Isah

É um livro fabuloso, em vários sentidos, e não poderia abarcar todos em uma simples resenha, talvez em um longo ensaio, mas não é este o objetivo. Quero ater-me à capacidade impressionante, e quase hipnótica, com a qual Dickens seduz e captura o leitor. De maneira que se torna impossível abandoná-lo, mesmo diante de quase mil páginas. Sim, é volumoso não apenas quanto ao número de laudas, mas quanto a profusão de personagens, lugares, descrições e sentimentos aflorados, expressos ou implícitos. Talvez, por isso, tenha me sido difícil sequer iniciar a escrita desta resenha, tal o grau de complexidade da narrativa se apresentava. Vinha-me tantas coisas à cabeça, ao mesmo tempo, que não sabia ao certo por onde começar. Porém, tudo tem um começo, e o meu se dá assim, em dizer ao caro leitor: escrevo não para desnudar a obra, mas apresentá-la do melhor jeito a fim de que se interesse em lê-la e desvendá-la.

Simplesmente, não há como ser ou ficar indiferente a uma só linha, a uma descrição, ação ou reação no enredo. Pode-se gostar ou não, e gosto não é, na maioria das vezes, a melhor forma de se avaliar um livro, música, filme ou qualquer outra coisa. Antes ele deve se subordinar ao caráter objetivo, intelectual e a emoção à qual se está exposto. O crivo para a crítica jamais pode ser apenas questão de ânimo, simples paladar ou sensação, sem a habilidade e análise dedicada e criteriosa. Ou seja, literatura de qualidade não é apenas diversão, mas se mede com o equilíbrio da meditação e discernimento, o escrutínio de frases, parágrafos, capítulos, necessários à compreensão da mensagem, ou mensagens, entregue pelo autor. Não é uma ciência exata, algo a se imprimir rigor extremo, porém não pode tornar-se banalizada pelo capricho ou achismo, sem o exame íntimo, a capacidade de influenciar e alertar o leitor para as verdadeiras e essenciais questões a trazer sentido e revelação sobre a vida. Portanto, ao ler, ouvir ou ver qualquer obra de arte, não diga que é “bonitinha”, “engraçadinha” ou “legalzinha”, mesmo que a deteste profundamente, fuja do clichê, confronte-a consciente, e dê a definição, mesmo que não seja precisa e exata, do seu conteúdo, e o porquê de abominá-la.

Posto isso, o que dizer de “Grandes Esperanças”?



Em muitos aspectos a temática do jovem órfão (tanto de Oliver Twist ou David Copperfield) está presente, com todos os aspectos trágicos, dolorosos e injustos aos quais os desamparados estão sujeitos. Não é diferente com “Pip”, sem pais e criado pela irmã, inflexível, severa e cruel, casada com Joe, um homem simples, ingênuo, bondoso e cujo coração é incapaz de revidar as agressões da mulher, habituada a tratá-lo com desprezo e violência física. Ele é uma alma terna, branda, benigna, e vê em Pip não o fardo ao qual a esposa se refere sempre, mas o amigo de infortúnios, cúmplice das mazelas pelas quais a vida arrocha. Ambos têm na comunhão, nos poucos momentos de solidão mútua, o descanso e alívio para o dia a dia conturbado, no qual esposa e irmã insiste em impor-lhes.

Quase todas as personagens à volta de Pip lhe são hostis, à exceção de Joe, como dito, Bitty, a amiga e professora, Herbert, futuro amigo de Londres, Wemmich e Magwitch, o “anjo da guarda” do órfão. Então, não é difícil imaginar as diversas situações em que o caráter de Pip é testado, diante de pessoas incapazes de agir sem o desejo (mesmo inconsciente) de prejudicar e subjugar a pobre alma. E, entre elas, Dickens expõe as misérias sociais mas também, e sobretudo, as moléstias e feridas individuais, sem as quais a sociedade não seria como era, ou não seria como é. Ou seja, ele fala, descreve, a humanidade, a nossa essência, de tal maneira que é possível, em um único ser, coabitar o mal e o bem, a mentira e a verdade, moral e cinismo, indiferença e arrependimento... Todos, não somente eles mas também nós, estamos diante dessa realidade, enquanto alguns satisfazem-se na perpetuação do mal, o descaso com o próximo,

notabilizando-se naquilo a torná-los mais execráveis e hediondos, outros buscam a redenção, transformar, aperfeiçoar-se e serenar todas as guerras, em busca da paz interior, a despeito de haver ou não trégua do lado de fora.

Alguém pode aludir que esse estado de coisas nada mais é do que egoísmo disfarçado de superioridade, mas inquirio-o: é possível fazer a paz com o mundo se existisse a guerra no íntimo? O orgulho promove a guerra interna e externa, enquanto a caridade, em princípio, vê no outro aquilo a ser visto em si mesmo, com todas as suas implicações para o bem ou o mal. É entender o outro como deseja ser entendido, mesmo que não seja, e se não é possível o acordo e o fim das disputas, deve-se, no mínimo, não a encorajar, antes esmorecê-la. Como Jesus diz: “Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem” (Mateus 5:44)... Desta forma, Pip descobre, com o passar dos anos, a verdadeira essência da vida, e de as “grandes esperanças”(inicialmente vista como acaso ou sorte), se declararem providenciais, e servir, ao mesmo tempo, de queda mas também de escada para compreender o seu lugar no mundo e se relacionar saudavelmente com ele. Foi preciso adentrar a escuridão completa para desejar a luz e apreciá-la... Não é assim com todos, em maior ou menor grau?...

Há, contudo, aqueles incapazes de anelar e perseguir a luz; para eles existem apenas breu e trevas, nada além da própria cegueira, o niilismo a tapar os olhos.

Algo notável em Pip é o fato de, em boa parte da infância, viver com o estigma do medo, da apreensão, à espera de castigos, reprimendas e sanções. À medida em que os anos se passavam, e sua vida se transformava radicalmente, persistiam medo e apreensão, não mais em relação aos outros, mas a si mesmo, de as grandes expectativas se transformarem em fracasso, de não alcançar aquilo que sempre desejou, de frustrar a si e suas promessas.

Não é difícil notar o desregramento, a futilidade, a ingratidão, e o esforço estéril em fugir do passado, do presente, sem perceber o quão distante e improvável era-lhe as ambições futuras... O curso da vida sinalizava-lhe um horizonte nada auspicioso; talvez, por não levar a sério os alertas, optou em desprezá-los, não conseguindo suprimi-los ou derrotá-los. Se você espera apenas se distrair, esqueça “Grandes Esperanças” ou qualquer outra obra de Dickens. Se busca um enredo histórico, saiba que ele transcende, em muito, a este detalhe. Se for uma trama de época, vale a mesma observação. Se for curiosidade, talvez se satisfaça, não pela curiosidade em si, mas pelo que ela o incitará a descobrir, ou, em outras palavras, descortinará de si mesmo enquanto lê; pois está a falar do âmago humano, do qual todos somos partícipes, uns mais outros menos, sem exceção.

Charles Dickens, como a maioria dos autores do século XIX, escrevia seus romances em periódicos,

semanalmente, e foi um dos mais famosos de seu tempo, se não o mais famoso. Alguns dizem ser o equivalente aos autores de best-seller da atualidade, em nível de popularidade e vendas. Não consigo, por mais esforço dispenda, encontrar um único autor líder de vendas que seja ao mesmo tempo simples e profundo, pessoal e universal, peculiar e geral, característico e abrangente, como Dickens. A expressão “best-seller” tornou-se sinônimo de vulgar, ruim, comercial e descartável ao longo do tempo, e se existe uma coisa da qual Dickens não pode ser acusado é disso. Reputá-lo também como um mero contador de históricas ou fazedor de tipos, seria reduzi-lo a algo que jamais foi ou será, bastando ler qualquer das suas obras para se certificar desse engano... Talvez, e somente talvez, haja um “torcer de nariz” por conta da linguagem acessível, límpida e fluída, elegante e refinada, quase poética, a compor o texto, sem hermetismos, dubiedades e pedantismos típicos a agradar boa parte dos críticos e vanguardistas das artes. Para esses, se uma obra não for ininteligível, confusa e estanque não é arte, mesmo que se disserte e delongue sobre o extenso vazio de sua concepção. No caso, Dickens não somente tem muito a dizer, mas o diz, para leigos e peritos, doutos, eruditos ou simples mortais. Qualquer um pode, na medida do possível, apreender e apropriar-se da diegese, da realidade a fluir das suas centenas de páginas.

Portanto, sem citar Estela, Miss Havisham, Mr. Jaggers, Drummie, Mr. Pumblechook e tantos outros vultos imprescindíveis à compreensão da história e repletos de humanidade, deixo ao leitor essas parcas impressões que, contudo, espero ser suficientes para aflorar o desejo de tomar esta obra em suas mãos, degustá-la (mesmo indigesta, em vários pontos), e então compreender toda a complexidade, íntima e abissal, do homem. E Dickens é um dos maiores embaixadores ou representantes do espírito e coração a emanar da nossa natureza.

Leitura recomendadíssima!

Avaliação: (***)**

Título: Grandes Esperanças

Autor: Charles Dickens

Páginas: 704

Editora: Penguin

Sinopse:

“Grandes Esperanças” é, sobretudo, um romance de redenção e perdão de seus protagonistas: Narra a história de Philip Pirrip, ou simplesmente Pip, órfão criado pela irmã EM um ambiente de pobreza, Pip vive na casa de sua irmã mais velha, casada com um ferreiro do vilarejo. São pobres, mas não miseráveis, porém, o que aflige Pip, e seu cunhado e único amigo Joe Gargery, é a truculência com que são tratados por Mrs. Joe”

CRENTE

por Michel Salomão

Muitos de vocês já devem ter presenciado, ou mesmo assistido na TV ou em algum canal da internet, uma cena em que o pastor ou um fiel mais exaltado, durante o culto na igreja, lasca um grito capaz de acordar os mortos mais resistentes, falando coisas do tipo “salamalacaia, salamalaxúria, decantasha, ranabaia, calatrébia, mashamalarúbia, shaalalala”, entre outras palavras ininteligíveis. A impressão que temos é de uma tentativa desastrada de se falar a língua dos povos do Oriente Médio, misturado com o famoso “embromês”, mas eles invariavelmente afirmam se tratar do dom de “falar em línguas”, assim como está na Bíblia, e quem duvida disso é um incrédulo candidato a arder no mais profundo abismo do inferno.

“Falar em línguas” é um dos recursos utilizados por igrejas pentecostais e neopentecostais, movimento originado de religiões africanas, cujas expressões incluem gritos, choros, danças frenéticas, rolar no chão, desmaiar e... falar em línguas, o que, segundo eles, são formas de manifestação do Espírito Santo.

Precisamos destacar que **jamais questionaremos o poder do Espírito Santo**, que pode se manifestar das formas mais diversas, inclusive, por meio do “dom de línguas”, o qual tentaremos explicar mais adiante.

Para melhor entendimento, vamos retornar no tempo, ao episódio bíblico da Torre de Babel (Gênesis 11), que por muitos é considerado uma alegoria, mas consta do Livro Sagrado que até então havia no mundo uma única língua com a qual os homens se comunicavam, mas na Babilônia, entre os anos 2046 e 2037 a.C., aquele povo prepotente iniciou a construção de uma torre que chegaria aos céus, para com isso demonstrarem o seu poder, o que fez com que Deus, inconformado, criasse para eles idiomas diferentes, fazendo com que o povo confuso e dividido desistisse da excêntrica obra.

Mais tarde, porém, após a ressurreição de Jesus, muitos foram habilitados a falar e a interpretar as mais diversas línguas, **não necessariamente a “língua dos anjos”** citada uma única vez por Paulo, em 1 Coríntios 13.1, fala que recebeu as mais diversas interpretações e abusos.

Disse Jesus, em Marcos 16:17-18, que em seu nome os que creem expulsarão demônios, **falarão novas línguas**, curarão os enfermos, poderão pegar em serpentes e beber veneno sem que nada lhes aconteça. Não resta dúvida, portanto, que é possível a uma pessoa comum, inspirada pelo Espírito Santo, passar a se expressar com um ou mais idiomas diversos do natal, sem que tenha sequer estudado para isso. Momentos antes, após a morte e ressurreição de Jesus, na ocasião da escolha do apóstolo Mathias para substituir Judas Iscariotes, es-

tavam todos os apóstolos reunidos, na ocasião do Pentecostes, e foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas (Atos dos Apóstolos 2.4), diante de uma multidão maravilhada de estrangeiros, vindos dos pontos mais distantes do planeta, e **estes podiam entender perfeitamente o que os apóstolos diziam**. Ou seja, eles falavam as línguas dos presentes, para que pudessem ser entendidos. Não ficavam gritando “salamalacaia, salamaxúria”, mas transmitiam aos estrangeiros os ensinamentos de Jesus.

O apóstolo Paulo já era um crítico dos **abusos praticados em torno desse dom**, mas foi bastante elegante ao dizer que mais proveitoso seria exercerem o dom da profecia, a não ser que houvesse alguém que os interpretassem, para que a igreja pudesse receber edificação. De nada adiantaria, pois, ficarem gritando “shalalalalalala” sem que ninguém entendesse o sentido daquelas palavras.

Isso era o que Paulo procurava ensinar em 1 Coríntios, 12:8-11, acerca dos **dons dados pelo Espírito Santo, como sabedoria, profecia, fé, cura, falar uma variedade de línguas e a capacidade de interpretá-las**. Infelizmente, porém, nos dias atuais, assim como naquele tempo, tem gente que se aproveita da inocência alheia para demonstrar “erudição” e poder, utilizando o seu “dom”, decorando ou improvisando palavras ininteligíveis, alguma vezes chegando às raias do ridículo, num espetáculo de extremo mau gosto.

Mas nem tudo é fraude no mundo religioso. Em muitos casos, os fiéis são induzidos a essa prática de forma inconsciente, assimilando as falas e trejeitos da liderança, achando que é o certo a se fazer.

Eu nem deveria ficar falando sobre essas coisas em uma publicação de repercussão mundial, visto que a Revista Bulunga pode ser vista em qualquer lugar do planeta (mas não é), mas coloco-me na missão de alertar as pessoas para os enganos que podem desviar o foco do cristão, atrapalhando o seu processo de salvação. No meu entendimento, que pode estar errado, **Deus espera de nós um tratamento respeitoso, cerimonial**, sem direito a essa bagunça promovida pelas igrejas da moda.

O dom de falar em línguas é real, é bíblico, é verdadeiro, mas, assim como o dom de cura, que também é real e verdadeiro, pode passar a ser objeto de fraude por muitos estelionatários da fé, sempre ávidos por colocarem as mãos no dinheiro dos inocentes fiéis.

Para os interessados, acreditem, existem até cursos presenciais e virtuais que ensinam a falar em línguas, com direito a certificados e brindes. Espero que Deus possa perdoar a nossa ignorância.



Jorge F. Isah

Leio Santo Agostinho há um bom tempo, e muitas vezes não o compreendi adequadamente. Especialmente quando confrontava o “meu calvinismo” às afirmações equilibradas e bíblicas do bispo de Hipona. Demorou um tempo para eu entender que, mesmo Calvino, mesmo Lutero, Pink, Gill ou Clark, mesmo qualquer um que se considere a si mesmo fiel à tradição cristã, ou melhor, fiel ao Evangelho de Cristo, não existiria sem as reflexões, meditações e ensino de Agostinho. Veja bem, não estou a afirmar que eles não existiram, ou que não existiriam como existiram, mas de que haveria uma certa dificuldade para ser o que foram. Por isso, penso claramente que o mestre africano foi instrumento de Deus não somente na edificação desses homens, mas na de muitas e muitas gerações e multidões com os seus escritos.

Isso posto, não estou afirmando também concordar com tudo o que ele se propõe. Na verdade, não li nem 1/10 da sua vasta obra. Gastarei um bom tempo em fazê-lo, se assim o bom Senhor permitir. E tenciono fazê-lo, dada a riqueza espiritual a emanar dos seus textos. O fato, contudo, de haver divergências em alguns pontos, não significa dizer que ele não deva ser lido, não preste, ou simplesmente não tem nada a ensinar. Esses certamente seriam erros indesculpáveis, e do qual nenhum cristão ou leitor sairia ileso. Acima de tudo, Agostinho escreve como poucos. Chego a pensar que, entre os muitos autores lidos, ele é disparado o que mais admiro, seja pela maneira poética em que redige, seja por compreender aquilo ainda incompreendido para mim, seja em explicar o inexplicável, a partir de uma comunhão íntima com o Espírito, de uma vida devotada a se deixar aperfeiçoar por esse relacionamento.

Entrando propriamente em “A Doutrina Cristã”, como o título pressupõe, ele disserta sobre os fundamentos da fé: a Trindade, o relacionamento com Deus, a salvação vicária e exclusiva de Cristo, as relações entre cristãos, o amor aos inimigos, etc. Estou no quarto final do livro, e a profusão de temas e elementos remete a uma obra reverencial, paciente e devotada a esclarecer os princípios e enunciados bíblicos. Não há como não se apaixonar. E ainda, descobrir como a nossa fé pode ser aprimorada e alcançar níveis de verdade aos quais não estávamos ainda expostos.

Alguém pode dizer que estou a “idolstrar” o santo, mas nada mais longe da verdade. Reconhecer a sua capacidade de entender e interpretar as Escrituras de forma coerente, espiritual e reverente não significa idolatria, mas constatar o quanto o autor foi conduzido pelo Espírito de Cristo à compreensão, e o quanto o amor do Filho pode ser apreendido em suas linhas, e nas entrelinhas. Pode existir mas, além dos autores bíblicos, não conheço nenhum escritor que expresse tão nitidamente o seu amor pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo. Por meio de uma beleza ímpar, outro dom concedido por Deus.

Todavia, entre tantos assuntos versados, dois me chamaram a atenção em especial. O primeiro, foi a ideia de Agostinho sobre o significado de “Pátria”. Não como um lugar onde habitaremos, o local em si, onde estaremos com Deus, o Paraíso ou Céu, mas de que Pátria tem, para ele, um sentido ainda mais amplo e veraz: pátria é o próprio Deus. Ou seja, não é apenas um lugar de destino, o destino para com quem estaremos por toda a eternidade. Neste sentido, não é impossível dizer que, mesmo aqui neste mundo, ainda sobre os efeitos do pecado e em processo de transformação, podemos não somente almejar mas viver na “Pátria”, como se fosse celestial. Bastando o relacionamento intrínseco, verdadeiro e profuso com o Espírito de Deus. Ou seja, não iremos para a pátria, mas pelos méritos do próprio Deus sendo pátria, já estamos inseridos e vivendo nela. Por isso a afirmação de sermos forasteiros, tanto nas Escrituras, como nos escritos de Agostinho, identificam que é possível estar neste mundo já estando no outro. Ou fazer deste, aquele. E gozar aquele, vivendo neste.

Não sei se deixei clara essa assertiva do bispo, espero que sim, mas o desdobramento dessa descoberta tem me trazido uma paz e um gozo antes não sentido, porque não entendido, ainda não havia penetrado no coração de maneira ampla e avassaladora.

Por falar em gozo, este é o segundo ponto a ser identificado. Para Santo Agostinho havia duas categorias de coisas: para fruir e usar. Não se deve fruir ou gozar das coisas que se usam. O gozo e alegria somente podem se direcionar a Deus exclusivamente. E mesmo que gozemos de certas coisas do uso, elas jamais podem, ou devem, ser um fim em si mesmas, mas apontar para “Aquele” que é a fonte eterna e infinita do Bem. O homem sem Deus, sem a real consciência e conversão, põe sua alegria e

consolo naquilo que deve estar a seu serviço, e não ao que deve servir. Inclusive, a si mesmo.

Neste sentido, todas as coisas devem estar sujeitas a Deus, o doador final de todas elas, e por quem nos são entregues, para o bom uso, mas para que, sobretudo, nos alegremos no Senhor. Por isso, o sexo, o dinheiro, o trabalho, a diversão e tudo o mais que o homem almeja, não pode ser a fonte da alegria em si, mas entendê-las como bem-aventuranças, dádivas que nos são destinadas para atingirmos a plenitude do gozo, somente possível nEle. Ainda que nos tragam alegria, estão a apontar, direcionando-nos, para a fonte da verdadeira alegria, “Aquele” que tudo criou para manifestar a sua bondade, e fruirmos nEle. E assim, usando essas coisas, alcançamos o gozo e a alegria em Deus.

Outro aspecto importante é que, ao reconhecermos a suficiência apenas em Deus, temos mais dEle e crescemos em ser. Não em ser o que somos ou o que fomos, mas naquilo que seremos: a exata imagem de Cristo. É óbvio que Agostinho, e nem eu, está a falar quanto à divindade do Filho, mas quanto à sua perfeita e santa humanidade. E assim, gozando nEle seremos cada vez mais dEle e com Ele, e com Ele identificados seremos um: Senhor e servos em unidade seremos cada vez mais dEle e com Ele, e

com Ele identificados seremos um: Senhor e servos em unidade. Há uma gama de elementos apontados por Santo Agostinho nesse terço do livro, mas, em especial, chamou-me a atenção os pontos que abordei, que mais me impregnaram a alma, até o momento, e me fizeram agradecer a Deus pela sua vida, e por desfrutar da sua sabedoria, vinda dos céus; e mesmo depois de quase dois mil anos é possível a qualquer um se deleitar nos seus ensinamentos, mas mais do que isso, aprender a viver em Deus e para Ele, assim como o mestre viveu.

Jorge F. Isah

Avaliação: (****)

Título: A Doutrina Cristã – Coleção Patrística – Vol. 17

Autor: Santo Agostinho

Editora: Paulus

No. Páginas: 288

Sinopse: “Esta obra é a carta magna de Santo Agostinho sobre a maneira de entender e pregar a Sagrada Escritura. Nela podemos sentir o imenso amor e conhecimento profundo de Agostinho pela Bíblia. De fato, ele deixou-se impregnar por ela, tornou-a “seu sangue, a medula de seus ossos”. Ninguém como ele explorou tão a fundo e com tanto empenho e sutileza os profundos e obscuros recônditos da Bíblia”



Conheci um homem que jogava futebol escondido. Ele levava uma pequena mochila de roupas, sabonete e toalha, e dizia para a esposa que trabalharia até mais tarde na empresa. Um dia ela foi atrás dele, pois pensou que a estivesse traindo. Entrou no vestiário de surpresa, pouco se importando com os seus companheiros que tomavam banho pelados. Acabou levando o marido puxado pela orelha.

O feminismo começou de uma forma improvável. As mulheres foram para as ruas queimar os seus sutiãs em praças públicas, comprovando as teorias de Newton acerca da Lei da Gravidade. Mas não foi o suficiente: elas entraram de sola no mercado de trabalho, reivindicando direitos até então só permitidos aos homens, como o *happy hour* e o acesso às máquinas de engraxar sapatos.



O movimento teve início com as nossas avós, ainda nos anos 50, que incentivavam os requebros de Elvis Presley, considerado o primeiro homem-objeto da história. Elvis chorava, se drogava, demonstrando sua fragilidade em público. Nos anos 70, os roqueiros começaram a se maquiar e a usar roupas extravagantes. E começaram a se interessar por outros homens.

As namoradas começam todas doces e meigas. Fazem de tudo, gostosinho, sabem ronronar no ouvido dos namorados, que ficam enlouquecidos, mas estão apenas se preparando para o golpe. E ele vem.

Vejam o exemplo do Príncipe Harry, da Inglaterra, filho da Diana. A Megan foi lá para Botsuwana fisgar o pato, digo, príncipe. Casou-se com ele. Agora é ela que manda. Fez com que rompesse com a Família Real. Proibiu o cara de assistir "Os Simpsons". Encher a cara e vestir aqueles saiotes escoceses sem cueca? Nem pensar.

Conheço uma mulher que infernizava a vida do marido. Xingava ele de gordo, careca, horroroso, cretino, na frente de todo mundo. Ele só se encolhia e saía de perto. Ele era apaixonado por ela, mas tudo tem um limite. Acabou arranjando uma amante. Duas. Três amantes. Acabou se separando da megera. E se casou com a amante mais nova, a mais bonita. Os homens são uns idiotas: só enxergam a beleza exterior, que tem prazo de validade bem curto. Algumas não passam dos 30. Não demorou um ano e ela virou uma megera, pior do que a primeira. E acabou ficando mais feia do que zagueiro do Madureira.

MULHER QUE MANDA



O humorista Fábio Rabin sempre engrossa a voz quando vai representar as falas da sua mulher, mas não é exagero. As mulheres se tornam masculinizadas quando querem impor as suas vontades. Dizem que tem a ver com os níveis de testosterona espalhados na água que bebemos. Porém, o excesso desse hormônio, no caso dos homens, faz ativar a produção de estrogênio. Com o tempo, os homens passarão a ovular. E não vai demorar.

Já reparou como a maioria dos cargos do serviço público são ocupados por mulheres? Qual a razão? Porque os homens não se preparam. Não estudam. Não prestam concurso. Preferem ficar com os seus joguinhos na internet. Ou assistindo futebol na TV. E as mulheres vão dominando o mercado de trabalho e o mundo dos negócios, enquanto os homens ficam em casa, cultivando barriga.

Quase todos os meus amigos são dominados por suas respectivas mulheres. Não perguntem sobre mim, pois sou o escritor e tenho prerrogativas. Estou falando deles e, provavelmente, de você, que lê este artigo.



ROTEIRO DE VIAGEM

MARINGÁ /PARANÁ

Fazendo um tour pelo sul do país, passei recentemente por Maringá, no Paraná, ficando lá por três dias, e só posso dizer que que foi uma estadia agradável. Primeiramente, dei a sorte de hospedar-me no Hotel Deville, um quatro estrelas com louvor, que fica a poucos metros da Catedral de Maringá, um dos principais pontos turísticos da cidade, e não é só uma igreja qualquer, mas uma verdadeira obra de arte rodeada por uma belíssima praça, onde as famílias levam suas crianças para brincarem, com muita



E tem ainda o Parque do Ingá, onde é possível fazer boas caminhadas e respirar um ar “verde”, com um belo lago e seus pedalinhos ou barcos que podem ser alugados, ou então basta você ficar sentado em um dos bancos à margem, naquele silêncio, pensando em nada. Todas as cidades do Brasil deveriam ter, obrigatoriamente, atrações como essa.



De acordo com o último censo, Maringá possui aproximadamente 410 mil habitantes, e sua economia é baseada na Indústria Metalmeccânica e no Agronegócio, apresentando um dos maiores IDH's do país.

A cidade fica a pouco mais de 420 quilômetros de Curitiba, 414 quilômetros de Foz do Iguaçu e a menos de 100 quilômetros de Londrina. Para quem vai de carro, é uma boa oportunidade para ver a impressionante produção agrícola da região, ao longo de mais de 450 quilômetros de estradas, sendo difícil encontrar uma mínima porção improdutiva. Nem parece que essa cidade pertence ao Brasil.

gente fazendo ginástica ao ar livre, grupos se reúnem em torno de um violão, entre outras atividades, inclusive à noite, pois o local tem uma iluminação fantástica, digna dos melhores estádios de futebol. Tem também o Parque do Japão, local extremamente bem cuidado, com um belíssimo lago com carpas, construções típicas, jardins imponentes, cerejeiras, bonzais, além de um silêncio agradável, onde você pode visitar todos os dias, totalmente de graça, pelo resto de sua vida. Se eu morasse lá, eu iria, sem qualquer dúvida.



O MANDA CHUVA

Alfred Nelson



Na infância, lembro-me de um desenho, entre outros, que passava no horário nobre da tv, lá pelos idos dos anos 1970 (como o tempo voa!), onde eu, meu pai e meu irmão, assistíamos à gangue de gatos mais malandra e frustrada da história: “Top Cat” ou “Manda-Chuva”. Se não me engano, e a memória não me traí, passava às quartas-feiras, em horário nobre, e foi um campeão de audiência por longos anos. A série consistiu em 30 episódios repetidos exaustivamente por diversos canais, nas décadas seguintes, seguidas de várias edições em quadrinhos e aparições em outras séries animadas.

Estreou na América em 1961, criado pelos estúdios Hanna-Barbera, e vendidos posteriormente ao canal ABC; teve apenas uma temporada. Não sei dizer os motivos a levar à descontinuidade da série, mas o simples fato de estrelar o disputadíssimo horário nobre leva-me a crer em problemas com os custos de produção ou um certo esgotamento, já que se inspirara em outra sitcom, “The Phil Silvers Show”, exibida entre 1955 e 1959.

Basicamente, a trama se resumia à tentativa, sempre sem sucesso, dos gatos aplicarem golpes a fim de enriquecer e ganhar fama. Quando tudo parecia dar certo, eis que surgia um problema: normalmente a consciência a fazê-los desistir, ou a força da lei (o íntegro, atrapalhado e êmulo do bando, o guarda Belo), ou porque eram enganados por outros mais espertos e ardilosos.

Há quem entenda-o como uma crítica social, ao identificarem-no com pobres, desfavorecidos e os marginalizados dos guetos, algo comum e recorrente na Big Apple (Brasília, por aqui) ou em qualquer metrópole mundo afora. Seriam eles, e seus infortúnios, os perdedores de sempre?

Entretanto, é uma visão reducionista e estereotipada, não somente da animação quanto à comparação social, visto os pobres em sua maioria não serem ociosos ou trambiqueiros, para dizer o mínimo. A meu ver, o aspecto moral está mais em evidência, e a mensagem de que, mesmo divertida e a suscitar cenas hilárias, a vadiagem e a patifaria caracterizadas nos episódios não levaria ninguém ao êxito; mesmo

os mais ladinos, acabariam acertando-se com a justiça.

Por outro lado, o probo guarda Belo, em sua inabalável integridade, não galgaria promoções, e ainda por cima se veria envolvido nas tramoias da turma... Mas eles desconheciam as intrincadas esferas sempre muito bem lubrificadas dos cambalachos e manobras tupiniquins, do contrário, a temática e os resultados seriam muito, mas muito diferentes, bem ao estilo de House of Cards (mais apropriado, mas ainda aquém das “travessuras” brasileiras).

PERSONAGENS:

a) Manda-Chuva - Malandro, líder da gangue; o primeiro a inventar e se meter em encrencas. No Brasil, foi dublado pelo ator Lima Duarte.

b) Batatinha - O mais amável dos gatos. Dócil, gentil e incapaz de fazer mal a quem quer que seja. Nunca age com malícia (uma espécie de consciência benigna do chefe, o “anjo bom”).

c) Chuchu - O gato cor-de-rosa, e o braço direito do Manda-Chuva; também o mais alto; usa camisa branca de gola alta. Chuchu está sempre de vigia para ver se alguém se aproxima quando a turma está executando seus trambiques.

d) Espeto - De estilo próprio, ganhou o forte sotaque nordestino, no Brasil (também dublado por Lima Duarte).

e) Bacana - O galã da turma, além de esbanjar classe. Sempre envolvido com o sexo oposto. É o namorado da gatinha Trixie.

f) Gênio - Baixinho, laranja e cujo nome contratava com a sua personalidade, já que era o mais bobo e ingênuo do bando.

g) Guarda Belo - Um policial de rua, amigo da vizinhança e que tenta, sem muito esforço, fazer com que Manda-Chuva pare com suas traquinagens (especialmente ao utilizar o telefone da polícia, frequente e gratuitamente, para os seus planos, fazer apostas e jogar conversa fora, deixando o guarda irritado e indócil).

“Manda-Chuva” foi uma sitcom sofisticada e capaz de agradar a gregos e troianos, sem distinção. Mesmo sendo produzida há mais de 60 anos, é possível se identificar com um e outro personagem em sua universalidade tão característica.

Para muitos, diante dos noticiários, conspirações e trapaças perpetradas à luz do dia, sem que autores e colaboradores sequer se envergonhem, antes se exaltam no descaramento abjeto e cínico, parecerá cândido e recatado. Se nas telas de antigamente (e para os que assistem ainda hoje) era a mais pura diversão, os holofotes atuais não são capazes de denunciar as trevas e as particularidades obscuras do verdadeiro submundo, a atuar em recintos aparentemente garbosos, mas a exalar o enxofre dos infernos. Se os gatos do passado eram cômicos e faceiros, dos gatunos da atualidade não se pode dizer o mesmo, onde larápios e quadrilheiros se multiplicam mais do que cuspe de bêbado.

Resta-nos tão somente nos deliciar com a inocência e as trapalhadas dos felinos de ontem, porque os de hoje...

Já publicamos em uma edição anterior um artigo sobre intervenções estéticas que não deram muito certo, e a internet está cheia de fotos tiradas de revistas sensacionalistas que sobrevivem às custas da desgraça alheia, o que não é o caso da Revista Bulunga, que é totalmente independente e sem fins lucrativos, e por isso mesmo não tem o rabo preso com ninguém, podendo se dar ao luxo de mostrar a realidade nua e crua, mas aproveitando a frase célebre de Grouxo Marx, “nós temos princípios, mas se você não gosta deles, temos outros”. Por isso, se não simpatizar com o artigo, ficará como está.

PLÁSTICAS DESASTROSAS



olha que coisa mais linda mais cheia desgraça...



eu não queria encontrar uma figura dessas à meia noite, na porta de um cemitério



já tínhamos ouvido falar em "ego inflado", mas o Bino ficou mesmo foi com uma baita cara de balão



o Ken virou Barbie



ela queria ficar feia... e conseguiu



tem gente que aprovou essa intervenção do Michael Jackson, que ficou se parecendo com um guaxinim



ele queria se parecer com o Rick Martin. Ficou a cara



anotaram a placa do caminhão?

MÚSICAS QUE MARCARAM ÉPOCA

Eguinha Pocotó

Mc Serginho

"Vou mandando um beijinho
Pra filhinha e pra vovó
Só não posso esquecer
Da minha egüinha Pocotó
Pocotó pocotó pocotó pocotó
Minha egüinha pocotó
O jumento e o cavalinho
Eles nunca andam só
Quando sai pra passear
Levam a égua Pocotó
Pocotó pocotó pocotó pocotó
Minha egüinha Pocotó".

A letra é só isso, mas é genial. Para quem quiser reclamar, é só olhar para as músicas clássicas, que fizeram um baita sucesso e nem letras tinham. Assim, Mc Serginho, esse fabuloso autor, somente comparado a mestres como Schubert, Chopin e Villa Lobos, deixou para a posteridade essa obra-prima. Dá para ver que o autor é um cara "família", pois antes de sair de casa tem o cuidado de mandar um afago para a sua filhinha e para a vovó, mas também é ligado à causa animal, um verdadeiro amante da natureza. E a música é cheia de lirismo, com a maestria de rimas como "beijinho" com "cavalinho", "vovó", "só" e "pocotó". Poucos autores conseguem chegar nesse nível.

A sofisticação é tamanha que o autor utiliza um recurso dramático pouco presente nas demais canções, que é a "onomatopéia": pocotó, pocotó, pocotó, reproduz o caminhar do animalzinho tão amado.

Assim como Guimarães Rosa, Mc Serginho cria novos termos até então não conhecidos pela língua portuguesa, relevando elementos da concordância, quando diz que "o jumento e o cavalinho, eles nunca ANDAM só, quando SAI (e não saem) pra passear... Coisa de gênio!

Mas vamos à performance do dançarino Lacraia, que até ganhou um hit com o seu nome, com o



famoso refrão "vai, Lacraia, vai Lacraia...". Deixou cedo este mundo, criando uma série de sócias como a famoso cantora Pablo Vittar. Porém, jamais chegarão aos pés do habilidoso e carismático Lacraia.

Lacraia foi o apelido criado pelo seu parceiro de palco para Marco Aurélio da Silva Rosa, natural de Jacarezinho, RJ, que morreu aos 33 anos. Quanto a Mc Serginho, uns dizem que morreu, e outros, que virou radialista da Rádio Roquete, no Rio de Janeiro.



**Pocotó
Pocotó
Pocotó**

